



## A RELEVÂNCIA SOCIAL DAS PESQUISAS EM ATITUDES

Fernanda de Souza Pedroso Campelo (PPGL-UNEMAT)<sup>1</sup>  
[fernandaspedroso@hotmail.com](mailto:fernandaspedroso@hotmail.com)

Jocineide Macedo Karim (UNEMAT)<sup>2</sup>  
[jocineidekarim@yahoo.com.br](mailto:jocineidekarim@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Este artigo, inscrito na Sociolinguística, teoriza atitudes linguísticas e, apresenta alguns trabalhos desenvolvidos no Brasil nessa área. Nessa perspectiva, além de expor o arrimo teórico que sustenta as pesquisas em atitudes, sintetizamos algumas pesquisas realizadas no Brasil que se inscrevem nesse campo. Dialogamos, ao longo do estudo, com teóricos como Lambert (1975) e Labov (2008). Distinguimos atitudes de crenças e, caracterizamos as atitudes em mentalistas, behavioristas e comportamentalistas. Destacamos a influência das atitudes nos usos linguísticos dos sujeitos, uma vez que os trabalhos que ora resenhamos, revelam que as escolhas linguísticas dos falantes correspondem às atitudes perante a comunidade e, as suas variedades linguísticas. Dessa forma, argumentamos a relevância dos estudos em atitudes no sentido de que é importante saber como as pessoas julgam as variedades linguísticas empregadas na sociedade, pois as atitudes propiciam a erradicação ou a permanência dos falares. Destarte, ansiamos que este artigo, de caráter teórico, possa contribuir para o desenvolvimento de pesquisas sobre atitudes.

**PALAVRAS-CHAVES:** Sociolinguística; Arrimo Teórico; Atitudes Linguísticas; Usos Linguísticos; Atitudes Linguísticas no Brasil.

**ABSTRACT:** This article, enrolled in Sociolinguistics, theorizes linguistic attitudes and presents some works developed in Brazil in this area. In this perspective, besides exposing the theoretical support that supports the researches in attitudes, we synthesize some researches carried out in Brazil that are inscribed in this kind of field. Throughout the study, we dealt with theorists such as Lambert (1975) and Labov (2008). We distinguish attitudes from beliefs and characterize attitudes in mentalists, behaviorists and the behaviorists. We emphasize the influence of attitudes on the linguistic uses from the people, once the works we have reviewed reveal that the linguistic choices from the speakers correspond to the attitudes towards the community and their linguistic varieties. Thus, we argue the relevance of studies in attitudes in the sense that it is important to know how people judge the linguistic varieties used in society, the attitudes lead to the eradication or the permanence of the speech. This way, we hope that this article, in a theoretical nature way, can contribute to the development of researches about attitudes.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics; Support Theory; Linguistic attitudes; Linguistic Uses; Linguistic attitudes in Brazil.

---

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – Campus de Cáceres – 2018). E-mail: [fernandaspedroso@hotmail.com](mailto:fernandaspedroso@hotmail.com)

<sup>2</sup>Professora do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT/Cáceres - Coordenadora do projeto de pesquisa: A variação linguística em comunidades quilombolas da região Centro Oeste do Brasil. E-mail: [jocineidekarim@yahoo.com.br](mailto:jocineidekarim@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

O interesse pelo estudo em atitudes linguísticas ocorre porque acreditamos que essas influenciam de modo significativo nos modos de falar, nas mudanças linguísticas do meio e na manutenção ou erradicação de uma variedade linguística, pois, quanto mais negativa for a atitude de um sujeito frente ao seu falar, maior a probabilidade desse falar desaparecer. A esse respeito Calvet (2002, p. 57) destaca que “[...] existe todo um conjunto de *attitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, [...]”.

Pesquisas em atitudes permitem compreender os julgamentos e avaliações que os sujeitos fazem a respeito dos usos linguísticos, cabendo a nós sociolinguistas explicitar e esclarecer que os diferentes modos de falar não devem ser objetos de descrédito e preconceito.

A esse respeito, cabe destacar que as atitudes linguísticas negativas são frutos de um processo histórico que sempre reforçou o estigma diante das variedades que não condiziam com a norma culta. Assim, atitudes linguísticas negativas perante algumas variedades são um legado construído ao longo da história que deve ser desconstruído por nós estudiosos da área, por meio de pesquisas e publicações. Somente o conhecimento científico é capaz de tal feito, uma vez que, por meio dele, é possível compreender a história e constituição da nossa língua portuguesa, o mosaico de falares que constituem o país, conseqüentemente os preconceitos em torno da língua invalidam-se e erradicam-se. Sobre atitudes, Mussalim (2012, p. 43) explica:

A avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala. Frequentemente, ouvimos falar em línguas “simples”, “inferiores”, “primitivas”. Para a Linguística, esse tipo de afirmação carece de qualquer fundamento científico. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.



Destarte, estudos que contemplem atitudes linguísticas são de extrema relevância para sociedade porque, por meio deles, compreendemos como se constroem os julgamentos em torno dos falares. Acreditamos assim que “[...] fazer pesquisa a propósito de língua não equivale a consultar gramáticas e dicionários para verificar o que neles consta e o que não consta neles”. (POSSENTI, 2012, p. 15). Defendemos a relevância social deste estudo teórico, pois a manutenção de uma variedade está intimamente relacionada às atitudes linguísticas dos sujeitos.

Nosso trabalho está dividido em duas partes. Na parte I, nomeada atitudes linguísticas, apresentamos o arrimo teórico. Nela o leitor encontrará a teoria que ancora os estudos em atitudes. Na parte II, intitulada atitudes linguísticas no Brasil, sintetizamos alguns renomados trabalhos desenvolvidos no país que contemplam atitudes linguísticas. São eles: *Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres: efeitos do processo migratório* (2000); *As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade* (2007); *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças* (2007); *Os holandeses de Carambeí: estudo sociolinguístico* (2008); *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato* (2011); *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais* (2012).

## 2. Atitudes linguísticas

Para Lambert (1975, p. 100), “[...] as atitudes, além de complexas e interessantes, têm extraordinária significação social”. No entanto, o teórico afirma que não temos consciência da maioria de nossas atitudes e o quanto essas interferem em nosso comportamento social. Explica ele também que as atitudes dos grupos minoritários são influenciadas pelo grupo de *status* social mais elevado.

No início, os estudos referentes a atitudes se pautavam no campo da Psicologia Social, assim questões relacionadas à língua não eram o foco principal. Somente com Lambert, aspectos sociais em relação aos usos linguísticos dos sujeitos tiveram valor.

Foi ele quem desenvolveu a conceituada técnica de *matched guise*, também conhecida como “falsos pares”, que hoje serve de aparato para muitos pesquisadores que desenvolvem estudos na área das atitudes e optam pela natureza quantitativa. O método é indireto, ou seja, os informantes não têm consciência do que está sendo investigado. Trata-se de um estudo quantitativo composto por questionário fechado, dessa forma as respostas são limitadas, não cabendo aos informantes avançar além daquilo que é proposto no questionário. Em seu estudo, Lambert encontrou dados curiosos, como descreve Calvet (2002, p. 58):

Os resultados da experiência são bastante interessantes. De um lado os “jurados” não davam conta de que as duas gravações eram produzidas por uma só pessoa. Por outro os “jurados” de fato não avaliavam as vozes, como eram convidados a fazê-lo, mas as línguas.

Já em 1972, em sua pesquisa desenvolvida na ilha de Martha’s Vineyard, Labov verificou como as atitudes influenciam nos usos linguísticos das pessoas. Os dados encontrados revelaram que a alta centralização de (ay) e (aw) está presente na fala dos sujeitos que têm grande apego à ilha e que lutam contra a invasão dos veranistas que, diferentemente dos primeiros, visam somente ao lucro. As atitudes são tão fortes nos usos linguísticos, que os jovens que pretendem deixar a ilha não manifestam essa centralização, enquanto os que têm apeço e não pretendem deixá-la utilizam forte centralização. Ressoando Labov (2008, p. 55), essas atitudes positivas em relação à ilha se estendem aos descendentes de portugueses que vivem na ilha. Por se identificarem com a ilha e com o modo de vida do lugar, exibem centralização mais pronunciada. Isso não ocorre com os descendentes de ingleses “Enquanto quase todos os do grupo inglês deixam a ilha para cursar a faculdade, e poucos retornam, quase todos os do grupo português permanecem” (LABOV, 2008, p. 55).



Diante dos dados apresentados, é evidente que os usos linguísticos dos moradores da ilha estão intimamente ligados ao apego pelo lugar, pois as pessoas que gostam da ilha, e não pretendem deixá-la, usam alta centralização de (ay) e (aw) e, aqueles que não são apegados a ilha, não utilizam esses usos linguísticos. “Em suma, podemos dizer que o significado da centralização, a julgar pelo contexto em que ocorre, é uma atitude positiva em relação à Martha’s Vineyard” (*ibidem*, p. 59).

Em estudo desenvolvido em três grandes lojas de departamento de Nova York, Labov também identificou atitudes linguísticas em relação à estratificação social do (r). Por meio de observação, o teórico evidenciou que os maiores usuários de (r-1) total e parcial são os vendedores da loja de *status* superior (Saks). Essa variedade na fala dos vendedores que trabalham na loja de maior *status* se deve ao fato que esses tentam copiar a fala de sua clientela, revelando assim que os usos linguísticos em relação ao uso do (r) dos vendedores da Saks correspondem a atitudes linguísticas desses diante do falar de seus clientes. A esse respeito “Wright Mills assinala que as vendedoras em grandes lojas de departamento tendem a se apropriar do prestígio de seus clientes ou, pelo menos, a fazer um esforço nesta direção” (*ibidem*, p. 65). Faraco (2008) também explica que o desejo de identificação com outros grupos, faz com o que os falantes busquem dominar o uso da norma do grupo que aprecia, “[...] o desejo de se identificar com outro(s) grupo(s) ou a própria pressão das redes de relações sociais externas ao grupo podem levar os falantes a buscar o domínio de outra(s) norma(s)” (FARACO, 2008, p. 41).

Por fim, para conceituar atitudes, é relevante compreender que essas são trabalhadas em diferentes áreas, tais como Etnolinguística, Psicologia Social e Sociolinguística. Assim, por vezes, é difícil defini-las. Além disso, muitas vezes as atitudes são confundidas com crenças, porém Botassini (2013), comungando das ideias de López Morales (2004), separa crenças de atitudes, defendendo que a atitude é formada pelo componente conativo, ou seja, o comportamental. Assim, “López Morales (1993) identifica na atitude apenas o componente conativo, separando o conceito de crença do de atitude e os situando em níveis diferentes [...]”



(CORBARI, 2012, p. 04)<sup>3</sup>.

Botassini (2013, p. 58), apresenta também, uma visão diferente de López Morales, a pesquisadora explica que na concepção de Fishbein as crenças são formadas pelos elementos conativo e cognoscitivo, ou seja, o comportamental e o conhecimento frente ao objeto; já as atitudes se constituem apenas do elemento afetivo, correspondente aos sentimentos diante do objeto. Como já dito, em sua tese, a estudiosa comunga da visão de López Morales, ou seja, entende atitude como formada apenas pelo componente comportamental.

Diante do exposto, percebe-se que os teóricos adotam concepções diferentes em relação à quais componentes constituem as atitudes. “Observa-se, assim, que não há consenso entre os pesquisadores quanto à estrutura componencial da atitude, especialmente porque cada concepção de atitude corresponde uma abordagem diferente” (CORBARI, 2012, p. 17)<sup>4</sup>.

Paiva e Soares (2009, p. 4)<sup>5</sup> defendem que as crenças “[...] ao contrário de um conhecimento fundamentado cientificamente, exprime um caráter ao mesmo tempo em que pessoal, institucional, na medida em que invoca as vozes da sociedade para dividir a responsabilidade do que é dito”. Inferem também que as crenças são estáveis, uma vez que podem ser alteradas por meio do conhecimento científico e das experiências dos sujeitos. Santos (1996, p. 10), ao conceituar atitude e crença, explica que a primeira corresponde a avaliar algo, considerando-o bom ou ruim, já a crença consiste na existência ou não de tal objeto:

O primeiro tipo de julgamento é considerado uma medida da dimensão avaliativa de um conceito ou, especificamente, uma *atitude*. O segundo tipo de julgamento pode ser visto como uma medida estabelecida na dimensão da *probabilidade* de um conceito, ou, especificamente, pode ser visto como uma *crença* (SANTOS, 1996, p. 10).

---

<sup>3</sup>Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).

<sup>4</sup>*Ibidem*.

<sup>5</sup>Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância.



A esse respeito Santos defende que atitude corresponde à avaliação. Assim, possuir uma avaliação, sendo ela positiva, negativa ou neutra, em relação a um conceito/objeto, é igual a ter uma atitude. “Aceitando-se que todo conceito possui um componente avaliativo, deve-se concluir que as pessoas têm uma atitude em relação a todos os conceitos ou objetos” (*ibidem*, p. 13).

Botassini (2013) defende que a atitude está dentro da crença, ou seja, “[...] ela contém a atitude” (BOTASSINI, 2013, p. 59). Ela abarca os três elementos da atitude, “o conhecimento, o sentimento e o comportamento” (*ibidem*). Aguilera (2008, p. 106)<sup>6</sup> defende que “[...] a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”.

Por fim, Botassini (2013) separa alguns termos/conceitos relacionados aos estudos de crenças e atitudes linguísticas, são eles: preconceito, *status*/prestígio, desprestígio, lealdade e deslealdade linguística.

Conceituando os três componentes que são atribuídos às atitudes, ou seja, o afetivo, o cognitivo e o conativo, o primeiro corresponde aos sentimentos e emoções do indivíduo, o segundo aos seus conhecimentos e o último diz respeito à maneira de agir, ao comportamento. Lambert (1975) explica o que é atitude e aponta a relevância desses três elementos.

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral a qualquer acontecimento no ambiente. Os componentes essenciais de atitudes são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções, bem como tendências para reagir. Podemos dizer que uma atitude se forma quando tais componentes estão de tal modo inter-relacionados que as tendências de reação e os sentimentos específicos se tornam coerentemente associados ao objeto da atitude (LAMBERT, 1975, p. 100).

---

<sup>6</sup>Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.

Corbari (2012, p. 118)<sup>7</sup> faz interessante conceituação ao adaptar esses três componentes das atitudes para esfera da língua:

a) o cognitivo ou cognoscitivo, referente ao que se sabe sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico; b) o afetivo, que corresponde ao sentimento frente ao que se sabe a respeito de uma língua, variedade ou grupo linguístico; e c) o conotativo, referente à predisposição para agir frente ao que se sabe e sente sobre uma língua, variedade ou grupo linguístico.

De acordo com esses componentes, as atitudes são divididas em mentalista e behaviorista/comportamentalista. A primeira contempla os três elementos, ou seja, o cognitivo, o afetivo e o conotativo; já a behaviorista constitui-se apenas do componente afetivo. Outra distinção é que a concepção mentalista é conceituada como um estado mental, enquanto a behaviorista trata do comportamento do indivíduo frente a determinadas situações.

Lambert (1975, p. 100) apresenta que, no início do desenvolvimento, as atitudes podem ser modificadas, no entanto, após sua organização, isso se torna mais difícil e passamos a reagir de modo padronizado diante de certos acontecimentos. No momento em que uma atitude se firma, passamos a classificar pessoas e acontecimentos e deixamos de reconhecer a individualidade e singularidade. Assim, as atitudes fixas “[...] reduzem a riqueza potencial de nosso ambiente e limitam nossas reações” (*ibidem*, p. 101).

Correlacionando essa conceituação de Lambert com os usos linguísticos, podemos inferir que, diante dos discursos vigentes, fomos estimulados a agir de modo padronizado em relação à língua, deixando assim de identificar a especificidade de cada falar e reduzindo a riqueza de falares do Brasil.

---

<sup>7</sup>Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).



As atitudes contemplam uma gama de aspectos, dentre eles, Lambert (1975) explica a influência dessas na aprendizagem. O estudioso inicia instigando o leitor com o questionamento, se solicitados a aprendermos um conjunto de argumentos que favorece algo que não acreditamos, será que nossas atitudes influenciaram e teríamos dificuldades em aprender?

Essa pergunta foi respondida de acordo com um estudo realizado com dois grupos de estudantes do Sul dos Estados Unidos. O tema foi segregação. Os favoráveis à segregação deveriam aprender argumentos contrários ao seu ponto de vista e os contra a segregação estudavam material correspondente às suas atitudes. Identificou-se que o grupo contra a segregação aprendeu com mais eficiência o conteúdo do que os favoráveis a essa. Assim, identificou-se que, correspondente à memorização, foram memorizadas com mais facilidade ideias que corroboram as atitudes, “[...] enquanto que as ideias diferentes não eram aceitas ou eram deformadas” (LAMBERT, 1975, p. 111).

No entanto, quando isso foi posto como proposta de debate, aconteceu o contrário. A dois outros grupos, um a favor da segregação e outro contra, foi proposto utilizarem argumentos contra afirmações a favor da segregação, e identificou-se que o grupo favorável à segregação aprendeu mais rapidamente argumentos contra a segregação. Lambert explica esses dados apontando que os estudantes favoráveis à segregação ficaram mais atentos aos argumentos contrários à segregação, pois precisavam dessas ideias para utilizá-las no debate; já os contrários à segregação, já acostumados com essas ideias e “[...] com excessiva confiança, supunham que compreenderiam totalmente tais ideias” (*ibidem*).

Ainda sobre a relação da aprendizagem com as atitudes, Lambert (1975) explica sobre a influência dessas na aquisição de uma língua estrangeira “A aprendizagem de uma língua estrangeira também parece depender das atitudes do aprendiz com relação ao povo que usa essa língua, bem como de seus motivos para aprendê-la” (*ibidem*, p. 113).

Por fim, definindo atitudes, Lambert aborda “Em nossa definição de atitudes acentuamos que são formas organizadas, coerentes e habituais de pensar, sentir e reagir

a acontecimentos e pessoas” (*ibidem*, p. 118). Para o teórico, há três princípios que explicam de que forma as atitudes são aprendidas, são eles: associação, satisfação de necessidades e transferência.

Sentimentos e reações são aprendidos através dos princípios da associação e satisfação de necessidades. Desse modo, enquanto as atitudes positivas se desenvolvem quando as associamos a um fato agradável, as atitudes negativas se desenvolvem na associação a episódios e fatos decepcionantes. “Assim, evitam-se pessoas ou coisas associadas a episódios desagradáveis e aproxima-se das associadas com acontecimentos agradáveis” (BOTASSINI, 2013, p. 60). Ao evitar pessoas e situações, estamos satisfazendo nossas necessidades. Já o princípio da transferência ocorre quando transferimos características de outras pessoas para nós.

A respeito dos dois últimos princípios, não são todas as atitudes que incorporamos, mas somente aquelas que nos parecem adequadas. Nesse sentido, ocorre o princípio da satisfação de necessidades quando selecionamos as atitudes que são propícias para nós. Nessa perspectiva, Lambert destaca a influencia de pais, professores, familiares e amigos na formação das atitudes, explicando que esses são indispensáveis na constituição das mesmas.

### **3. Atitudes linguísticas no Brasil**

No Brasil, apesar de ser um território que contribui para esses estudos devido a gama de falares que o constitui, os trabalhos nessa área são escassos. Sobre isso, Aguilera (2008, p. 105)<sup>8</sup> declara “Um campo pouco explorado, entretanto, é o das crenças e atitudes linguísticas, embora a sociolinguística insista na importância do estudo desse campo”.

Elucidaremos nesse tópico, alguns trabalhos sobre atitudes desenvolvidos no Brasil que auxiliaram na escrita do presente artigo. Iniciaremos abordando sobre o

---

<sup>8</sup>Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.

trabalho de Bisinoto (2000) intitulado *Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres: efeitos do processo migratório*, no qual a pesquisadora propôs elucidar atitudes linguísticas de nativos e imigrantes<sup>9</sup> residentes no município de Cáceres-MT.

A estudiosa entrevistou 24 informantes, sendo 12 nativos e 12 imigrantes, todos com idade superior a 30 anos, dividido em profissionais da linguagem e não profissionais dessa área, homens e mulheres. Para os informantes imigrantes, exigiu-se também que esses residissem no município há pelo menos 8 anos. Confirmou-se, com as entrevistas realizadas, que imigrantes e nativos apresentam atitudes negativas frente ao falar cacerense. Esse era um dos objetivos da pesquisadora: identificar se as atitudes de rejeição frente à fala cacerense são provenientes só dos imigrantes ou parte também dos nativos. Os dados revelam que ambos apresentam estigma diante da fala local:

A premissa que norteou o presente estudo se confirma: a variedade linguística local é estigmatizada socialmente e as formas linguísticas estereotipadas evidenciam o enfraquecimento e prenunciam um possível desaparecimento do falar nativo. Entretanto, vale relembrar que a estigmatização da linguagem não é uma prática unilateral como se suspeitava, ou seja, não se restringe às atitudes preconceituosas do imigrante. Ela é patente na auto-rejeição do nativo quando nega a sua origem, recusa-se a admitir as diferenças, envergonha-se de seu falar. O nativo internaliza (ou dissimula perante o) estigma manifestado pelo imigrante, reproduzindo-o. O que difere essencialmente essas atitudes é a sua motivação. As razões que induzem o comportamento e as reações do imigrante são muito diversas das que orientam os interesses e a conduta dos nativos, conforme discorreremos em vários tópicos deste trabalho. (BISINOTO, 2000, p. 103).

Em sua pesquisa, Bisinoto adota o termo atitudes sociolinguísticas, argumentando que o linguístico se complementa com o social. Dessa forma, para a pesquisadora, a nomenclatura mais apropriada é atitudes sociolinguísticas.

---

<sup>9</sup>Utilizamos aqui o termo imigrante, uma vez que foi essa palavra que Bisinoto (2000) usou ao longo de sua dissertação, tendo como justificativa: “Considerando que o processo migratório compreende os movimentos de ir (emigrar) e vir (imigrar), o termo “migrante” poderia receber a conotação de transitoriedade. Sendo assim, usaremos, a partir deste momento, o termo “imigrante” para designar o brasileiro, oriundo de outro Estado, que se mudou para Cáceres e se estabeleceu com sua família de forma definitiva” (BISINOTO, 2000, p. 23).

Ao longo da dissertação, Bisinoto relata que a colonização de Cáceres difere das demais regiões do país, nas quais normalmente, na ocupação dos territórios, é o imigrante quem sofre, mas, especificamente em Cáceres, o imigrante teve privilégios.

Perscrutando o processo de colonização de Mato Grosso, evidencia-se que o governo federal desenvolveu políticas incentivando a colonização do estado. Esses incentivos, no intuito de ocupar os espaços vazios da Amazônia, possibilitaram aos imigrantes subsídios e apoio para ocupação do território. Planos de colonização como PIN (Programa de Integração Nacional), PND (Plano Nacional de Desenvolvimento), Marcha para o Oeste e contratos com empresas de colonização fizeram parte da colonização de MT. Diante disso, alguns nativos relatam o descaso do governo com eles e o a valorização dos imigrantes:

Denunciam a parcialidade institucional na distribuição de benesses, o favorecimento a pessoas de fora, ricos e apadrinhados políticos, desde a concessão de terras à obtenção de um bom emprego, contrapondo-se ao descaso com as populações nativas:" ... o pessoal daqui foi ficando para trás mesmo, não tinha fonte de financiamento e ficou marginalizado" (N-A, questão 22). (*ibidem*, p. 67).

Contudo, alguns nativos não atribuem somente ao governo a situação privilegiada dos imigrantes, justificam que a ascensão desses em Cáceres decorre também do espírito empreendedor, competência e força de vontade deles em alcançar uma vida financeira melhor, como descreve um dos informantes de Bisinoto (*ibidem*, p. 66):

É uma ambição de conhecimento, de crescimento. Normalmente têm uma criatividade *muito* grande, uma vontade de trabalhar, de crescer. São pessoas que não ficam acomodadas, estão prontas para enfrentar dificuldades, trabalhar, construir"; "esse pessoal de fora tem muito mais iniciativa e mais vontade de vencer do que as pessoas que tá aqui".

Assim, para os nativos os incentivos fiscais, a ambição, empreendedorismo, força de vontade e criatividade dos imigrantes fizeram com que esses conseguissem situação financeira privilegiada. O próprio imigrante partilha desse julgamento: “nós do sul é que somos apressados, trabalhamos, trabalhamos, pra ter patrimônio. O bugre vive sem essa loucura, é uma opção, foi criado assim, nós precisamos respeitar (I-A); [...]” (BISINOTO, 2000, p. 69).

Amâncio (2007) com o trabalho *As cidades trigêmeas: um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade*, investiga atitudes sociolinguísticas e de identidade de habitantes das cidades de Barracão (Paraná), Dionísio Cerqueira (Santa Catarina) e Bernardo de Irigoyen (Misiones, Argentina), divididas apenas pelo o que a autora denomina de linha imaginária. A pesquisadora realça a relevância de seu estudo, pois essas cidades juntas constituem o que Amâncio chama de realidade única “[...] os três municípios compõem juntos uma realidade única: uma tríplice fronteira seca entre dois países, três estados e três cidades, formando, assim, as Cidades Trigêmeas” (AMÂNCIO, 2007, p. 5).

A esse respeito as prefeituras e empresas de turismo exaltam a tríplice fronteira como atrativo turístico, sendo algo exclusivo daquela região que não ocorre em nenhum outro do lugar do mundo. A transcrição a seguir retirada de um folder retrata bem isso:

Entre as fotos e suas legendas, lê-se o seguinte texto: “Dionísio Cerqueira-SC, Barracão-PR e Bernardo de Irigoyen-ARG, as cidades trigêmeas: situação única no mundo. Quando se fala em fronteira seca, as três cidades protagonizam uma situação que, até onde se tem conhecimento, é única no mundo: são dois países, três estados, três municípios e três cidades que fundem-se em um único conglomerado urbano formando uma só cidade, cujos limites são apenas ruas” (*ibidem*, p. 25).

Os critérios de inclusão estabelecidos pela autora, para seleção dos informantes, foram: “Ter entre 15 e 25 anos; estar cursando o ensino médio ou superior; ter nascido e sempre vivido na região” (*ibidem*, p. 32). A pesquisadora não delimitou o número de



entrevistados, no final contabilizaram 20 informantes, sendo 10 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, 14 brasileiros e seis argentinos.

O objetivo principal da pesquisa foi identificar se o discurso vigente de passividade e harmonia entre os moradores das três cidades é real. Por meio dos dados coletados, através de entrevistas orais, a estudiosa constatou que essa irmandade se concretiza só no discurso, uma vez que se evidenciou que há uma tensão entre os moradores, principalmente dos brasileiros em relação aos argentinos já que estes são taxados por aqueles de preguiçosos, grossos, anti-higiênicos, entre outros. Assim, os dados coletados por Amâncio refutam o discurso oficial de que há entre os habitantes das três cidades uma relação de irmandade.

Há, sem dúvida, orgulho da realidade geográfica que partilham como pode ser verificado na fala dos entrevistados que relatam a especificidade desse lugar: “As Cidades Trigêmeas são um fator de orgulho para os habitantes locais, pois são diferentes de outras cidades comuns, o que faz dos seus cidadãos representantes de uma realidade única, digna de apreciação” (AMÂNCIO, 2007, p. 83). Todavia, a relação entre esses não é tão passiva como prega o discurso vigente, principalmente por parte dos brasileiros em relação aos argentinos.

Essas desavenças são transferidas para a língua, pois os informantes brasileiros relatam não usar o espanhol, os próprios declaram que não o fazem por falta de interesse. Revelam que quando os brasileiros vão até a Argentina, falam o português e, quando os argentinos se deslocam até o Brasil, falam português. A autora não descarta a prevalência do uso da língua portuguesa como algo motivado, e sugere os seguintes motivos: há argentinos casados com brasileiras; muitos informantes têm famílias no Brasil e a pesquisadora não rejeita a hipótese do fato de ser brasileira ter influenciado nessas respostas.

Em relação ao fato de os brasileiros rejeitarem falar o espanhol, Amâncio declara: “A recusa em falar o idioma dos vizinhos evidencia uma atitude negativa dos brasileiros frente a essa língua e, principalmente, frente aos falantes desta língua” (*ibidem*, p. 71). A autora explica que isso acontece por alguns fatores, descrédito pela



língua do outro, interesses em enfraquecer essa língua, ou, considerando que o desinteresse em aprender o espanhol não acontece só nesse contexto, pode-se atribuir que a similaridade entre as duas línguas, faça com que as pessoas não se interessem em aprendê-la. Dentre essas opções, a autora defende mais veemente que a preferência pelo uso da língua portuguesa está relacionada com a questão da “[...] preservação da individualidade do sujeito e com o apego ao seu país de origem, uma vez que a língua é um forte fator de identidade nacional” (*ibidem*, p. 73).

Amâncio observa também que o uso dos dêiticos revela a contradição da prática com o discurso oficial, ou seja, apesar de propagarem que as cidades trigêmeas constituem um só lugar, os termos “aqui” e “lá” revelam que os informantes dividem os três territórios.

Diante do discurso vigente e dos dados alcançados, a pesquisadora criou os termos “comunidade ideal” e “comunidade real”: a primeira corresponde ao discurso oficial, o qual prega a harmonia e passividade existente entre os habitantes das três cidades; a segunda diz respeito ao que realmente acontece, ou seja, por meio das respostas ao questionário de Amâncio, consta-se um sentimento de rivalidade entre os moradores das três cidades, principalmente dos brasileiros em relação aos argentinos. Sobre isso, a estudiosa argumenta que esse discurso de harmonia decorre de interesses, principalmente em relação ao turismo.

Parcero (2007), em sua tese *Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças*, desenvolve uma pesquisa na fazenda Maracujá<sup>10</sup> com informantes divididos em três grupos: informantes analfabetos que quase não saem da comunidade, denominado GR1; informantes escolarizados que saem da comunidade, nomeado GR2; inquiridos pertencentes à sede do município, GR3.

O objetivo da pesquisa foi correlacionar atitudes linguísticas do grupo composto por moradores da fazenda e do grupo de moradores da sede do município frente à

---

<sup>10</sup> “[...] situada no Município de Conceição do Coité, na região sisaleira do semi-árido baiano” (PARCERO, 2007, p. 9).

variedade linguística da Fazenda Maracujá. Sobre o contexto onde foi desenvolvida a pesquisa, Parcero explica:

A terra possui uma vegetação de caatinga, típica do clima semi-árido a energia elétrica só recentemente foi inaugurada. A região está sujeita a grandes períodos de estiagem, o que dificulta o dia-a-dia como também a própria sobrevivência dos moradores, já que a economia tem por base a agricultura de subsistência (plantação de milho, de feijão e de mandioca) (PARCERO, 2007, p. 25).

A autora relata que os meios de comunicação e a escola ainda não exercem influência significativa na comunidade, como consequência “Se, por um lado, isso afastou a variante local da norma padrão pela conservação de traços arcaizantes, por outro, favoreceu a inovação de outros que enriquecem a fala da comunidade” (*ibidem*, p. 94). Outro aspecto referente aos usos linguísticos da comunidade refuta a hipótese inicial da pesquisadora, a qual supunha que se encontraria um número significativo de palavras africanas, no entanto “[...] foram encontradas poucas palavras dessa etnia na amostra analisada” (*ibidem*, p. 112).

O questionário da pesquisadora foi constituído de questões abertas “[...] de modo que possibilitem ao entrevistado falar de suas experiências, seus saberes, suas crenças, seus valores para se obter um amplo conjunto de informações necessárias à análise e interpretação dos dados” (PARCERO, 2007, p. 51).

Os dados obtidos revelam que as pessoas do grupo 1 avaliam positivamente seu modo de falar, não distinguem certo e errado e também não atribuem juízo de valor à fala dos outros membros da comunidade.

Já os informantes do grupo GR2 atribuem os conceitos de certo e errado à língua, acreditam que a escola e o contato com pessoas de fora da comunidade permitem que os indivíduos falem melhor. Dessa forma, diferentemente do primeiro grupo, os informantes do GR2 fazem julgamentos a respeito dos usos linguísticos dos sujeitos. Aplicam à língua os termos de certo e errado e conferem o melhor falar aqueles





que convivem com pessoas de fora da fazenda. Nesse grupo, os inquiridos têm consciência que a mídia influencia no modo de falar das pessoas e atribuem também a esse contato o melhor falar.

Sobre os usos linguísticos da comunidade, esses informantes apresentam preconceito fazendo avaliações negativas desses modos de falar, defendem fielmente que a escola é a instituição que melhor desencadeia o falar correto. “Com efeito, segundo as representações desse grupo, saber falar é falar o padrão da escola” (*ibidem*, p. 156).

Por fim, o GR3 é formado por seis informantes da sede do município, três desses entrevistados possuem alguma relação com os moradores da comunidade e três não conhecem a fazenda, dessa forma responderam as questões de acordo com o que ouvem a respeito da mesma. Esses informantes ratificam, no entanto, de forma menos reforçada, as atitudes do GR2, pois “[...] também desconhecem que qualquer língua é constituída por um conjunto de variantes e que a variação é inerente à própria língua; e consideram como legítima autorizada apenas aquela mais próxima do padrão idealizado pelos mais conservadores, e pela escola” (*ibidem*, p. 174). Para a autora esse grupo, apesar de não apresentar dados significativos no que concerne a variação da Fazenda Maracujá, trouxe dados relevantes no que diz respeito ao contexto sócio-histórico da comunidade estudada que permitem compreender o isolamento das comunidades negras da região.

Fraga (2008), em *Os holandeses de Carambeí: estudo sociolinguístico*, objetivou investigar as atitudes linguísticas de “holandeses”<sup>11</sup> dessa localidade em relação à língua holandesa e a língua portuguesa; a identidade dos “holandeses” e analisar a variedade empregada por esses no que corresponde ao uso do r-forte.

No início da tese, a pesquisadora descreve uma característica dos “holandeses”: a pontualidade. Para eles a pontualidade é algo indispensável, chegar atrasado é sinal de

---

<sup>11</sup>Sobre o uso das aspas, Fraga (2008, p. 16) explica: “Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses”.



desrespeito. Outro aspecto importante descrito pela autora corresponde ao fato da pesquisadora ter investigado a comunidade durante um ano e meio, para somente depois iniciar a coleta de dados. A esse respeito, a estudiosa argumenta: “Desse modo, a observação forneceu material para a descrição etnográfica da comunidade de fala holandesa em Carambeí e funcionou também como fase preparatória para a realização da entrevista sociolinguística” (FRAGA, 2008, p. 42).

Em relação ao imigrante “holandês” da comunidade de Carambeí, Fraga (2008) explica que, diferentemente dos holandeses que se dirigiam a São Paulo, os quais substituíram a mão de obra escrava, os “holandeses” de Carambeí ocuparam-se de terras virgens e se estabeleceram em pequenas lavouras. Até mesmo a aculturação desses foi diferente, pois Carambeí é resultado de iniciativa particular, enquanto que as demais colônias holandesas no Brasil decorrem de imigração grupal.

Por meio dos dados coletados, a pesquisadora identificou atitudes de rejeição frente à língua holandesa por parte dos informantes do Grupo 3M, constituído por jovens “holandeses” do sexo masculino, que declaram sentir vergonha de ser “holandês” pela comparação que se faz com “ser caipira”. Sentem prazer em falar português e não se assumem como “holandeses”, assim privilegiam o uso da língua portuguesa. Os informantes do Grupo 3F, composto por jovens “holandesas”, apesar de se comunicar também somente em português, revelam atitudes diferentes dos membros do Grupo 3M, ou seja, essas apreciam a língua dos seus antepassados, no entanto apresentam-se como brasileiras e, assim como os jovens “holandeses”, privilegiam o uso da língua portuguesa.

Em relação aos usos linguísticos dos grupos, 1M (idosos de Carambeí), 1F (idosas de Carambeí), 2M (adultos descendentes de holandeses de Carambeí), 2F (mulheres adultas descendentes de holandeses de Carambeí), 3M (grupo dos jovens descendentes de holandeses de Carambeí), 3F (grupos das jovens descendentes de holandeses de Carambeí), a autora descreve que “há diferença somente no que diz respeito à variável idade (e não sexo/gênero)” (FRAGA, 2008, p. 77). Sobre esse fator condicionador, os dados revelam que, quanto maior a idade, maior é o sentimento de



apego à cultura e à língua holandesa. Assim, os mais velhos a utilizam, os informantes adultos somente na interação com familiares idosos e os mais jovens não fazem uso dessa língua.

Em consonância com os dados encontrados por Fraga (2008), Corbari (2012) em pesquisa desenvolvida em Irati (PR) verificou que:

O grande domínio da língua dominante (português) pode explicar um fenômeno que se vem verificando em muitas comunidades bi- ou multilíngues no Brasil, e que se reflete também em Irati: a gradativa substituição das línguas de herança pelo português, à medida que avançam as gerações. A língua minoritária vem gradativamente perdendo sua importância, sobrevivendo apenas em contextos restritos, como no lar, na igreja ou em festas comunitárias, e geralmente apenas entre os mais velhos (CORBARI, 2012, p. 119)<sup>12</sup>.

Os informantes do Grupo 2M declaram nas entrevistas que não ensinaram a língua holandesa aos filhos para que esses não tivessem sotaque holandês no português e porque aprender essa língua “não serve para nada”. O grupo 2F partilha praticamente de todas as atitudes do Grupo 2M, ou seja, as mulheres optaram também por não ensinar a língua holandesa aos filhos para não haver sotaque holandês na fala desses. As mulheres também usam essa língua somente na interação com os mais velhos, ocasionando, assim, o que a autora chama de domínio privado: “Dão-se em **domínio privado** as interações verbais ocorridas nas relações familiares” (FRAGA, 2008, p. 80). Assim, “O repertório linguístico da comunidade “holandesa” de Carambeí compõe-se das línguas holandesa e portuguesa, e a utilização de uma e de outra língua se distribui de acordo com o domínio em que se dá a interação” (*ibidem*, p. 107). No domínio privado, prevalece o uso da língua holandesa e no público predomina o da língua portuguesa, todavia, no âmbito da igreja e da escola, os dois idiomas são manifestados, mas com predomínio do português. Assim:

---

<sup>12</sup>Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).



Como se pode observar, a língua holandesa é falada em cada vez menos domínios públicos (e até mesmo nos privados) e está sendo aprendida por um número cada vez menor de crianças, ao passo que o português pouco a pouco está se tornando a única língua da comunidade, falado em praticamente todos os domínios públicos e privados da comunidade e aprendido por todas as crianças que são quase todas monolíngues em português (FRAGA, 2008, p. 107).

Fraga (2008) atribui o predomínio da língua portuguesa na comunidade de Carambeí às atitudes linguísticas dos sujeitos frente a essas duas línguas, pois ressoando Siguan (2001), a pesquisadora argumenta que as atitudes determinam qual língua será aprendida, usada e preferida pelos falantes bilíngues.

A respeito das atitudes que os “holandeses” de Carambeí manifestam em relação às duas línguas, portuguesa e holandesa, os informantes do Grupo 1M atribuem à escola a substituição do holandês pelo português. “Pois é muito frequente, segundo o grupo, que as crianças, enquanto estão apenas em casa, falem somente holandês, passando a falar português (e a “abandonar” o holandês) quando começam a frequentar a escola” (*ibidem*, p. 119). Atribuem também à igreja o abandono da língua holandesa, pois essa celebra os cultos nas duas línguas. Por fim, revelam também a falta de interesse frente à língua espanhola, declaram que os jovens falam inglês, dessa maneira não apresentam dificuldade na aquisição de uma língua estrangeira, nesse sentido só não aprendem o holandês porque não querem. Em relação à língua portuguesa, a consideram difícil, no entanto, bonita e agradável. Revelam a importância de se aprender essa língua, porque, por meio dela, se dá ascensão social do indivíduo e não sabê-la é motivo de discriminação e preconceito.

O Grupo 1F defende o uso da língua holandesa porque assim não morreriam as raízes, a cultura, no entanto, assim como o Grupo 1M, as idosas têm consciência que os jovens não querem aprender essa língua. As informantes do grupo se comunicam em holandês com os filhos e não admitem que eles não falem o idioma. Outra atitude consiste no fato de acreditarem que a língua holandesa é utilizada por pessoas que não estudaram. Sentem-se à vontade em a falar, é a língua que preferem, mas revelam a dificuldade em escrevê-la, alegam ser muito difícil. Em relação à língua portuguesa,

revelam atitudes positivas e defendem que é a língua de pessoas estudadas, portanto quem a fala terá mais oportunidades. Assim, como os idosos, acham a língua portuguesa muito bonita.

O Grupo 2M considera a língua holandesa inútil, é utilizada só na interação com familiares mais velhos. Acreditam que devem falar o holandês em consideração aos seus pais que não falam o português, todavia não ensinam a língua holandesa aos filhos, conseqüentemente é necessária a presença de um intérprete na comunicação entre avós e netos, pois os primeiros só falam holandês e os últimos português. Contraditório que argumentam falar a língua holandesa em respeito aos pais que só falam essa língua, porém não a ensinam aos filhos, precisando assim de uma terceira pessoa para que a comunicação avós/netos se estabeleça. Preferem que os filhos aprendam o inglês, pois diferentemente da língua holandesa, considerada inútil, o inglês terá utilidade na vida dos filhos. O depoimento a seguir revela as atitudes desse grupo: “Com os filhos, nós não falamos [holandês]. Pra quê? Pra falar com a vó? Sinceramente? A minha mãe já é velha, logo vai morrer. E como é que fica? É melhor aprender inglês (WD)” (FRAGA, 2008, p. 125). Sobre esse depoimento, a pesquisadora declara,

Pode-se dizer que este último depoimento representa um nível de rejeição à língua holandesa tão grande que parece que há quem torça para que esse grande “problema” (falar holandês, ser “holandês” etc.) acabe logo, o que implica querer que a geração que ainda causa o problema – a dos monolíngues em holandês – desapareça (*ibidem*).

A esse respeito, o grupo atribui culpa aos avós e aos pais que ensinam holandês aos filhos. “Não é mérito dos avós, mas culpa. E culpa dos pais também, porque permitiram que os avós ensinassem holandês aos netos” (*ibidem*, p. 126). Argumentam que, se pudessem mudar essa realidade, teriam ensinado inglês aos filhos. Acham a língua holandesa difícil, assim sentem insegurança em a falar, contudo revelam que a língua holandesa oferece mais recursos, não compreendemos as quais recursos os informantes se referiram. Em relação à língua portuguesa, é mais bonita e aproxima “holandeses” e “brasileiros”.

As atitudes do Grupo 2F se dividem, metade não se incomoda em ser “holandês” e falar a língua holandesa, a outra metade não gosta de ser identificado como “holandês”, principalmente por causa do sotaque. Diferentemente dos homens, as mulheres não aplicam o termo inútil à língua holandesa, porém também não atribuem muita funcionalidade a essa língua, não se sentem obrigadas a falar holandês com os pais e se arrependem de não a ter ensinado aos filhos, mas argumentam que fizeram isso para que eles não sofressem preconceitos como elas sofreram. Para elas, a língua holandesa representa privacidade, intimidade, gostam também de rezar nessa língua. Frente ao português, como os demais, consideram uma língua bonita, mas a característica mais reforçada pelo grupo é que a língua portuguesa aproxima os dois povos, “holandeses” e “brasileiros”.

No Grupo 3M, uma parte se considera bilíngue incipiente e o grupo todo acha o holandês difícil, manifestam atitudes positivas frente a essa língua e acreditam que a falar gera mais oportunidades. Consideram o holandês a língua dos avós e não se sentem incomodados em não poderem se comunicar com eles. Concernente à língua portuguesa, a consideram mais fácil, é a língua que os identifica. Acreditam que futuramente o monolíngüismo fará parte da comunidade e isso é inevitável.

Por fim, no Grupo 3F, metade acha que falam bem o holandês, a outra metade o contrário, a maior parte do grupo acha-a muito difícil, manifestam atitudes positivas frente à língua holandesa, sentem carinho pela língua que é de seus avós; consideram a língua portuguesa mais fácil, diferentemente do Grupo 3M que é indiferente ao monolíngüismo português, o grupo 3F lamenta que isso aconteça, porém também relatam que é algo inevitável.

Correspondente à identidade, os Grupos 1M e 1F denominam-se “holandeses”, o Grupo 2M denomina-se “descendentes de holandês”, uma parte do Grupo 2F explicitamente diz ser “brasileira”, a outra parte não se denomina nem implícita, nem explicitamente “holandês”, os Grupos 3M e 3F declaram-se brasileiros. A esse respeito Fraga (2008, p. 150) declara que a identidade das pessoas dessa comunidade envolve conflitos:

A identidade dos “holandeses de Carambeí”, portanto, é conflitante, pois são “holandeses” brasileiros (nascidos no Brasil), mas ao mesmo tempo não são simplesmente brasileiros. Por essa razão, autodenominam-se “holandeses” (Grupos 1M e 1F) ou mesmo “carambianos” (Grupos 2M e 2F) e também “descendentes de holandeses” (Grupos 3M e 3F). Portanto, é uma identidade complexa, que encerra incoerências, posto que os “holandeses” de Carambeí também não se identificam com os “holandeses da Holanda”, de quem fazem questão de se distinguir.

Os trabalhos que lemos, em algum momento, trazem a influência da mídia nos usos linguísticos dos sujeitos. No trabalho de Fraga, por exemplo, a pesquisadora relata que o contato com os meios de comunicação juntamente com outros fatores modificou muitas características do sistema linguístico da comunidade em estudo:

O presente estudo não pretende afirmar que existe uma variedade de língua holandesa na região, um terceiro sistema proveniente do contato entre os sistemas do holandês e do português. Mas a influência dos meios de comunicação de massa em língua portuguesa e as restrições funcionais atribuídas à língua holandesa atualmente pela comunidade de fala que a usa podem já ter substituído muitas das características do sistema linguístico originado na comunidade em estudo (FRAGA, 2008, p. 160).

Essa citação está inserida no capítulo em que a autora apresenta os resultados dos usos linguísticos correspondentes ao *r*, nos quais se evidenciou que, nos falares das pessoas que têm menor contato com a língua portuguesa, prevalece a ocorrência do tepe. Os jovens utilizam a fricativa, conseqüentemente a vibrante e o tepe estão sendo abandonados. Isso, possivelmente, ocasionará uma mudança linguística na comunidade.

O fator relevante consiste no fato de que os resultados alcançados estabelecem relação íntima entre as atitudes, identidade e os usos linguísticos do *r*. Assim, os informantes que possuem atitudes positivas em relação ao holandês e se identificam como tal favorecem o uso do tepe; os que apresentam atitudes negativas diante do holandês e não se identificam nem como “holandês”, nem como brasileiro, usam a vibrante. Aqueles que se identificam como brasileiros e têm atitudes negativas perante a



língua holandesa usam as fricativas e vibrantes. Por fim, os que se consideram brasileiros e possuem atitudes neutras, usam a fricativa.

Pastorelli (2011) escreve uma dissertação com o título *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*, na qual identificou crenças e atitudes linguísticas de moradores de Capanema em relação às línguas faladas na cidade. Sobre a relevância dos estudos a respeito de atitudes, a pesquisadora argumenta “[...] mesmo que as atitudes linguísticas não possam ser consideradas como fatores causais, atuam como mediadoras dos comportamentos linguísticos e constituem indicadores especialmente sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade” (PASTORELLI, 2011, p. 16).

A autora contou com 18 informantes, considerando ambos os sexos, os três níveis de escolaridade e as três faixas etárias. Para alcançar os objetivos propostos, fez uso de questionário aberto, dividido em duas categorias, a primeira sobre convivência e a segunda sobre perguntas metalinguísticas.

Os informantes, habitantes da zona urbana da cidade de Capanema, posicionaram-se em relação à língua dos paraguaios, argentinos, alemães e italianos. Os dados revelam que os paraguaios são estereotipados. Os informantes justificam as atitudes negativas frente aos paraguaios “[...] a diferença de cultura, dos hábitos, a origem indígena, a baixa tecnologia e dificuldades no ensino, assim como também a questão linguística” (*ibidem*, p. 193). Já, em relação aos argentinos, os capanemenses demonstraram atitudes positivas; em relação aos alemães, esses são vistos como sérios e sua língua é difícil e, por fim, aos italianos foram atribuídas atitudes positivas. Estes foram os mais avaliados positivamente, liderando a porcentagem de atitudes positivas em relação às outras etnias.

A tese de Pastorelli contou com inúmeras questões, no entanto elencaremos aqui os resultados de algumas que nos chamaram mais atenção quando relacionadas ao nosso trabalho. Sobre quem fala melhor, os inquiridos de Pastorelli acreditam que fala melhor quem fala o espanhol. Sobre quem fala pior, os informantes atribuíram essa característica aos alemães, acham essa língua estranha. Referente à questão: “Falam





melhor os que falam português ou os que falam essas línguas de que falamos?” (PASTORELLE, 2011, p. 111), os entrevistados votaram na língua portuguesa, 52,40%, no entanto os jovens não se incluem nesse percentual, “[...] os jovens recusaram o falar local como sendo superior ao falar estrangeiro” (*ibidem*, p. 107).

Os dados apresentados por Macedo-Karim (2012) refutam as atitudes identificadas por Bisinoto (2000). Em estudo desenvolvido em Cáceres-MT, intitulado *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*, a pesquisadora evidenciou atitudes positivas frente ao falar local. “Quanto às diferenças linguísticas entre o falar dos nativos e o falar do migrante, os resultados apontaram atitudes positivas dos nativos em relação à língua, e mostram que o cacerense nativo conserva mais sua língua e seus costumes” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 11).

A estudiosa justifica a escolha pela comunidade São Lourenço devido ao número significativo de nativos e poucos migrantes. Para identificar os usos linguísticos da comunidade e as atitudes frente a esses usos, aponta a pesquisadora: “[...] as perguntas que nortearam a nossa pesquisa foram: quais são os usos característicos do falar da comunidade do São Lourenço em Cáceres; e quais são as atitudes da comunidade em relação a esses usos?” (*ibidem*, p. 26). Em relação aos informantes, os moradores da comunidade São Lourenço fazem uso da forma linguística local com traços correspondentes às regiões mais velhas de MT.

Além de descrever os usos linguísticos da comunidade, procurou identificar as avaliações e crenças dos informantes em relação à variedade linguística local e aos aspectos culturais. Para isso entrevistou 12 informantes nativos do município, moradores da comunidade São Lourenço, distribuídos em duas faixas-etárias, considerou-se também a variável independente sexo. Além disso, os entrevistados deveriam obedecer aos seguintes critérios de inclusão: “a) ser nascido na cidade de Cáceres; b) ter pais nascidos na região sudoeste do Estado de Mato Grosso; c) ter baixa escolaridade, desde nenhum grau até a 8ª série” (MACEDO-KARIM, 2012, p. 60).

Foram confeccionadas 27 perguntas com intuito de contemplar aspectos linguísticos e culturais da comunidade em estudo. Ao longo do texto, a pesquisadora

ressalta a relevância de pesquisas locais para a compreensão das variedades linguísticas do Brasil. “Nosso objetivo neste estudo é focalizar os usos linguísticos do falar da comunidade São Lourenço, assim, trazer uma contribuição para o conhecimento da variação dialetal no português do Brasil” (*ibidem*, p. 67).

Os aspectos linguísticos evidenciados foram ausência da concordância nominal de gênero, uso das africadas [tS] e [L] em vez de fricativas[S] e [Z], o uso de [õ] por [ãw], rotacismo, iotização, aférese, hipérese, entre outros. Em relação às atitudes linguísticas dos moradores nativos da comunidade:

Os dados em que se baseia esta análise foram coletados por meio de perguntas referentes aos seguintes tópicos: a) a percepção do nativo em relação à cidade; b) campo *versus* cidade: a escolha; c) a visão do informante sobre o clima da cidade; d) traços de identidade nativa; e) cultura tradicional; f) manifestação religiosa: rezas; g) danças tradicionais: o cururu e o siriri; h) lendas; i) a culinária e a bebida tradicionais; j) características dos nativos (*ibidem*, p. 117).

As respostas à pergunta “*Em sua opinião, é melhor viver no campo ou na cidade? Por quê?*” (*ibidem*, p. 119) revela que a maioria, (67%) dos informantes, prefere morar no campo. Isso corrobora o modo de vida dos nativos que cultivam em seus terrenos hortas, criam animais como galinha e pato para sustento da família. Sobre a satisfação em ser cacerense, 92% dos informantes sentem-se satisfeitos com isso. Em relação a gostar de morar em Cáceres, todos os informantes disseram que sim.

Elucidaremos agora algumas perguntas que contemplam as atitudes linguísticas dos nativos frente ao falar da comunidade. Sobre ter vergonha de falar com sotaque regional, 92% dos informantes disseram que não; já em relação às pessoas de fora gostarem do falar cacerense, os informantes ficaram divididos: 50% acreditam que o migrante gosta do falar local, 41,66% acreditam que o migrante não gosta desse falar e 8,34% não responderam. Assim, “Observamos que, conforme as respostas de 41,66% dos entrevistados, o falar da comunidade-SL é estigmatizado por parte de algumas pessoas de fora” (*ibidem*, p. 143). Interessante que os informantes cuja declaração era



que o migrante gosta do falar cacerense, não justificaram sobre isso, já os inquiridos cuja crença era que o migrante não gosta do falar de Cáceres, elencaram os motivos.

Ainda em relação às atitudes frente ao falar cacerense, sobre sentir vergonha ou orgulho do falar local, 75% dos informantes sentem satisfação. Concernente à fala mais bonita, 59% dos informantes votaram no falar cacerense, contra 33% que optaram pela fala do migrante, 8% não opinaram.

Diante dos resultados, a autora constata que os nativos, residentes na comunidade São Lourenço, no município de Cáceres-MT, apresentam atitudes linguísticas positivas em relação ao falar cacerense.

Por fim, o último trabalho que apresentaremos é o de Botassini (2013), intitulado *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica*, no qual a autora propõe descrever crenças e atitudes linguísticas de brasileiros norte-paranaenses, cariocas e gaúchos, residentes no Norte do Paraná em relação ao uso dos róticos em coda silábica. A autora investiga também o zero fonético, comum na fala de todos brasileiros. Ela não traz esse elemento como uma variante, mas como ausência dessa. Ao todo foram entrevistados 48 pessoas, todos residentes no norte do Paraná, há pelo menos oito anos.

Como hipótese, a pesquisadora presumiu que os inquiridos mais escolarizados são menos preconceituosos e os falantes mudam a variante rótica de acordo com o grau de formalidade dos aspectos que compõem as entrevistas (narração, descrição, questionário e leitura). Ao longo do estudo, essas hipóteses foram confirmadas pela autora.

A esse respeito, identificou-se que, na narração, a fala é mais espontânea e menos monitorada; na descrição, aumenta pouco o policiamento da fala, essa mudança acontece de forma razoável no questionário fonético-fonológico e consideravelmente na leitura, atingindo, assim, um grau elevado de consciência da fala.

Verificou também, na análise dos dados, que os norte-paranaenses utilizam o retroflexo (95,7%), os cariocas o velar (93,1%) e os gaúchos o tepe (55%). Na análise

geral dos dados, observou-se como mais produtivo o zero fonético (32,5%), posteriormente o retroflexo (30%), em seguida o velar (21%), o tepe (15%) e, por fim, as ocorrências da vibrante alveolar múltipla (1%) e glotal (0,5%).

A estudiosa relata que, considerando que o uso do zero fonético foi mais recorrente na fala dos informantes mais jovens, pode haver uma mudança em progresso.

Em relação ao zero fonético, diversas pesquisas abordam que essa variante já faz parte da fala dos brasileiros, até mesmo dos mais escolarizados “Isto é, mesmo entre as pessoas mais escolarizadas, realiza-se o apagamento do /r/, sobretudo se for levado em conta o contexto em que tais apagamentos ocorrem” (BOTASSINI, 2013, p. 104). Além disso, Botassini evidenciou, em sua pesquisa, esse uso linguístico na fala das mulheres e, considerando que essas buscam privilegiar o uso da norma culta em suas falas, a pesquisadora aborda:

A “variante” mais produtiva foi o apagamento, com 32,5% do total dos dados, resultado que parece indicar que o zero fonético já está tão incorporado à fala que não possui mais o mesmo desprestígio que possuía antes, a ponto de ser a variante mais realizada no *corpus* deste trabalho e também a ponto de as mulheres utilizarem-na com bastante frequência (*ibidem*, p. 211).

No que diz respeito às atitudes linguísticas dos inquiridos, um dos dados revelado no questionário quantitativo, adaptado da técnica de *matched guise* e do trabalho de Bergamaschi (2006), revela que a variedade que os norte-paranaenses e cariocas mais gostaram foi a dos gaúchos, já os gaúchos apreciaram mais a variedade carioca. A variedade que os três grupos menos gostaram foi a norte-paranaense “Esses resultados informam que há certa “rejeição” à fala dos norte-paranaenses ou, pelo menos, menor estima em relação a ela” (BOTASSINI, 2013, p. 214). O estigma é tão acentuado que:

O menor índice percentual de avaliações positivas de todo o questionário quantitativo refere-se ao julgamento feito ao leitor norte-



paranaense (42,4%). Do mesmo modo, de todas as avaliações negativas do questionário quantitativo, a que apresenta percentual mais elevado refere-se ao leitor norte-paranaense (31,3%), dado que informa, mais uma vez, o desprestígio desse dialeto. (*ibidem*)

O dado preocupante foi que os próprios norte-paranaenses avaliaram seu falar de forma negativa “Um dado digno de destaque é que, dentre os dialetos ouvidos pelos norte-paranaenses, o que obteve o menor percentual de avaliações positivas foi o leitor de sua própria variedade linguística” (*ibidem*, p. 174).

Como exposto, os dados supracitados são decorrentes do questionário quantitativo que consistia em ouvir três leitores, cada qual de um dialeto, sendo carioca, norte-paranaense e gaúcho. A esse respeito,

O objetivo principal deste instrumento é verificar a reação dos informantes em relação às três variedades linguísticas ouvidas, lembrando que a eles não era informado que se tratava de pessoas de procedências distintas e que, portanto, possuíam dialetos diferentes, um dos quais representava o dialeto do próprio informante (BOTASSINI, 2013, p. 169).

Correlacionando as atitudes com os fatores condicionadores da Sociolinguística, Botassini evidenciou que as mulheres são mais críticas que os homens, que os velhos são menos severos em seus julgamentos e que pessoas com menos escolaridade são mais preconceituosas. Dado esse muito interessante e já confirmado pela estudiosa em pesquisa anterior:

Além disso, em trabalho anterior (BOTASSINI, 2010), o grau de escolaridade apresentou-se o fator social mais relevante quanto a questões relacionadas a crenças e atitudes linguísticas, indicando que os informantes com menos instrução são os que mais manifestam atitudes de rejeição, enquanto os mais escolarizados são menos preconceituosos (*ibidem*, p. 136).



Destarte, “Por meio desse resultado, é possível presumir que os informantes mais escolarizados têm uma visão menos preconceituosa em relação às diferenças étnicas, culturais e linguísticas, consequência, provavelmente, do maior conhecimento possibilitado pelo estudo” (*ibidem*, p. 186).

Em relação aos usos linguísticos, identificou-se que os gaúchos aderiram com mais facilidade os falares dos norte-paranaenses, a autora explica esse fato relacionando a semelhança entre a cultura do Rio Grande do Sul e do Paraná e os aspectos referentes à tradição agrícola e ao frio dessas regiões.

Ao correlacionar o questionário quantitativo com o qualitativo, algumas contradições surgiram em relação às atitudes dos informantes. Os gaúchos, por exemplo, que, no questionário quantitativo, preferiram o leitor carioca, no questionário qualitativo, avaliaram negativamente o falar carioca com 75% de avaliações negativas e 25% positivas, assim “[...] apesar de terem julgado o leitor carioca mais positivamente do que o leitor de seu próprio dialeto, no questionário qualitativo, quando fazem referência aos cariocas, as avaliações são mais negativas do que positivas” (*ibidem*, p. 182). Os norte-paranaenses que, no questionário quantitativo, avaliaram o seu próprio dialeto como a fala que menos gostaram, no questionário qualitativo, avaliaram mais positivamente a sua fala do que a dos cariocas. Os dados do questionário qualitativo que corroboram o quantitativo dizem respeito ao falar gaúcho que é o mais positivamente avaliado: “a avaliação geral é mais positiva para o dialeto gaúcho, confirmando o resultado do questionário quantitativo” (*ibidem*, p. 192).

Lembrando que o questionário qualitativo consistia em ouvir leitores de três regiões distintas, sendo cariocas, gaúchos e norte-paranaenses, sem saber a procedência dos leitores, os ouvintes respondiam a um questionário a partir do qual avaliavam a fala dos leitores positivamente e negativamente; já o questionário qualitativo era constituído de perguntas abertas que versaram sobre:

[...] crenças e atitudes perante a própria fala, crenças e atitudes perante a fala dos outros, reconhecimento da variedade linguística local,

reconhecimento das demais variedades linguísticas em análise, reconhecimento de mudança linguística, crenças e atitudes em relação a fatores sociais, lealdade e deslealdade linguística (BOTASSINI, 2013, p. 187).

Os cariocas, por sua vez, avaliam positivamente seus falares, foram 94% de avaliações positivas contra 6% de avaliações negativas, revelando assim o que a autora apresenta como lealdade linguística. “Essa atitude positiva em relação à língua nativa, o orgulho de pertencer àquele grupo, representa o sentimento de identidade linguística, que leva o falante a manter lealdade à sua língua nativa” (*ibidem*, p. 190).

A pesquisadora fez uma pergunta aos informantes dos três grupos buscando evidenciar atitudes frente ao próprio falar, assim indagou aos cariocas “Falam melhor os cariocas ou os que vieram de outros lugares?” Os cariocas preferiram seu próprio falar (68,8%), a autora relata que os cariocas não poupam modéstia para argumentarem sobre seu falar, para esses o falar carioca é o que possui maior prestígio. Indagado aos gaúchos “Falam melhor os gaúchos ou os que vieram de outros lugares?” Esses também preferiram o próprio falar (75%). Em contrapartida, perguntados aos norte-paranaenses quem fala melhor eles ou os que vieram de outros lugares, (43,8%), preferiam seu próprio falar e (56,2%) elegeram outros falares, revelando, assim, atitudes negativas frente ao próprio falar.

Apesar desses dados, a pesquisa revela que os informantes cariocas e gaúchos foram os que mais sofreram preconceito por causa de seu modo de falar, pois indagados “Você já passou por alguma situação constrangedora por causa do seu modo de falar?” (62,5%) dos norte-paranaenses disseram que não; (50%) dos cariocas disseram que sim e (56,3) dos informantes cariocas também passaram por essa situação.

Aos informantes também foi questionado se eles acham que falam bem, mais uma vez a autora relata que os cariocas não pouparam modéstia, pois enquanto entre os gaúchos somente 25% declaram falar bem e entre os norte-paranaenses somente 18%, 75% dos cariocas acreditam que falam bem. A esse respeito, “Infere-se que assumir que falam bem é privilegiar o próprio dialeto. Nesse sentido, os cariocas parecem muito



mais leais à sua variedade linguística do que os gaúchos e os norte-paranaenses” (BOTASINI, 2013, p. 200).

Para a autora, as atitudes positivas dos cariocas frente ao próprio falar influenciam para que esse não se modifique facilmente, nem seja afetado pelo convívio com outras variedades, pois dos 2.035 róticos produzidos pelos cariocas, apenas (0,2) foram de retroflexo e (93,1%) de velares, assim o convívio com os norte-paranaenses não influenciou na fala dos cariocas.

Além das dissertações e teses aqui resenhadas, lemos também artigos na área das atitudes, no entanto não iremos resenhá-los nesse espaço, porque isso tornaria a leitura exaustiva. Porém, dado a contribuição dessas leituras para o desenvolvimento e enriquecimento teórico desse artigo, apresentamos os títulos dos trabalhos lidos com seus respectivos autores. São eles: *Atitudes linguísticas: variedades encenadas em foco* (PLACHI, 2008); *Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação* (FENNER; CORBARI, 2014); *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico* (GUEDELHA)<sup>13</sup>; *Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância* (PAIVA; SOARES, 2009); *Crenças e Atitudes Linguísticas de falantes de Irati (PR)* (CORBARI, 2012); *Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras* (AGUILERA, 2008). Os artigos estão elencados de acordo com a ordem de leitura.

### Considerações Finais

Considerando a importância dos estudos em atitudes linguísticas, esse artigo buscou apresentar a teoria que perpassa e sustenta as atitudes e, sintetizou alguns trabalhos desenvolvidos nessa área no Brasil no intuito de auxiliar futuros pesquisadores que desenvolverão pesquisas que contemplem atitudes linguísticas.

---

<sup>13</sup>Esclarecemos que não informamos o ano, pois não consta essa informação no artigo.





Dialogamos, ao longo do artigo, com teóricos como Lambert (1975) e Labov (2008). Além da interferência das atitudes nos usos linguísticos dos falantes, Lambert assevera que as atitudes influenciam na aprendizagem de uma língua estrangeira. O teórico explica também, os três princípios que elucidam como as atitudes são aprendidas, são eles: princípio da satisfação de necessidade, princípio da associação e o princípio da transferência. O autor argumenta que no momento em que uma atitude se fixa, deixamos de identificar a individualidade e a singularidade e que as atitudes dos grupos de prestígio sempre influenciarão as dos grupos minoritários. Por sua vez, Labov (2008) evidenciou, em sua pesquisa desenvolvida na ilha de Martha's Vineyard, que as atitudes estão intimamente ligadas ao apreço que os falantes têm com a comunidade e com a variedade linguística empregada nessa, pois os moradores que gostam de viver na ilha e não pretendem deixá-la fazem uso de alta centralização de (ay) e (aw), variedade da comunidade. Atitudes linguísticas também foram evidenciadas em estudo desenvolvido em três grandes lojas de departamento de Nova York. Por meio de observação, Labov evidenciou que os maiores usuários de (r-1) total e parcial são os vendedores da loja de *status* superior (Saks). Essa variedade na fala dos vendedores que trabalham na loja de maior *status* se deve ao fato que esses tentam copiar a fala de sua clientela, revelando assim que os usos linguísticos em relação ao uso do (r) dos vendedores da Saks correspondem a atitudes linguísticas desses diante do falar de seus clientes.

Por meio desse estudo foi possível evidenciar como as atitudes estão intimamente ligadas com as escolhas linguísticas dos falantes e a erradicação dos falares, pois quanto mais negativa for a atitude do falante frente a sua variedade, maior a possibilidade desse falar desaparecer. As escolhas linguísticas dos falantes também são determinadas pelas atitudes, uma vez que adotando uma atitude negativa perante determinados usos linguísticos, o falante evitará essa variedade ou a usará tão somente nos contextos que considerar que isso seja permitido.

Diante do exposto, evidencia-se que as atitudes não referem-se somente a julgamentos e avaliações, as atitudes têm significativa relevância social, pois nossas



opiniões e juízos influenciam significativamente no modo como agimos, consequentemente interferem na sociedade. Por isso, dada a sua relevância social, defendemos veementemente pesquisas em atitudes.

### REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras.** [http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf). Acesso em 18/12/2017 às 9h17min.
- AMÂNCIO, Rosana Gemima. **As “cidades trigêmeas”: Um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade.** Dissertação de Mestrado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2007.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório.** Dissertação de Mestrado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2000.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná.** Londrina, 2013.
- CORBARI, Clarice Cristina. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR).** <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11378/11173>  
Acesso em 12/01/2018 às 17h42min
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- FENNER, Any Lamb; CORBARI, Clarice Cristina. **Entre os falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação?** <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/454/336>. Acesso em 06/02/2017 às 14h14min
- FRAGA, Letícia. **Os “holandeses” de Carambei: estudo sociolinguístico.** Campinas, SP, 2008.
- FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; CORNO, Dal Mantovani Olivia Giselle. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas.** Caxias do Sul, RD: Educs, 2010.
- GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dialetológico.** <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/guedelha.pdf>. Acesso em 03/01/2017 às 18h06min.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos.** Tradução Marcos Bagno, Maria Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.



LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. E.L. “A significação social das atitudes” In: \_\_\_\_\_ **Psicologia social**. 5ª ed. Trad. D. Moreira. – Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1975. (p. 98-135).

LOPES, Leonardo Wanderley. **Preferências e atitudes dos ouvintes em relação à variação linguística regional no telejornalismo**. João Pessoa, 2012.

MACEDO-KARIM, Jocineide. (2004). **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras.

\_\_\_\_\_. (2012). **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: Aspectos linguísticos e culturais**. Tese de Doutorado. Campinas-SP: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa e; SOARES, Maria Elias. **Preconceito e identidade linguística: crenças de estudantes de um curso de educação a distância**. Acesso em 06/02/2017 às 14h15min.

PARCERO, Lúcia Maria de Jesus. **Fazenda Maracujá: sua gente, sua língua, suas crenças**. Campinas,SP. 2007.

PASTORELLI, Daniele Silva. **Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com as línguas de contato**. Universidade Estadual de Londrina, 2011.

PLACHI, Daniela. **Atitudes linguísticas: variedades linguísticas em foco**. <http://bibliotekevirtual.org/revistas/LETRAS/v10n02/v10n02a12.pdf>. Acesso em 06/02/2017 às 14h09min.

SANTOS, Emmanoel dos. **Certo ou Errado?: Atitudes e Crenças no ensino da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

Recebido Para Publicação em 19 de setembro de 2018.

Aprovado Para Publicação em 28 de outubro de 2018.